



ALLEN JONES / «RESPEITANTE A CASAMENTOS» / 1964

A QUARTA BIENAL DE PARIS

por JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

...O problema é o mesmo em todas as Bienais — mas mais gravemente ele se põe em Paris onde se pretende recolher o testemunho do futuro.

O futuro, não há dúvida de que ele pertence aos jovens pintores e escultores que têm agora 20 ou 30 anos de idade civil e não mais de 10 de idade profissional — ou até a outros mais novos que sequer ainda o sejam ou nem mesmo tenham nascido, se é que já nasceram seus pais ou avós... O futuro pertence realmente e sempre ao futuro e só o próximo nos é dado entrever, com os dados que tivermos, se os tivermos. Dados que a informação nos forneça — ou que lancemos nós, jogadores dum jogo de múltiplas condições e empenhos. De resto, com as informações há que lidar sempre como se dum jogo de

dados se tratasse. A cibernética no-lo ensina, com uma prudência científica que é disfarce também — e na recolha, na escolha, na ligação, na manipulação dos elementos entram factores alienatórios que não podemos ignorar. Podemos porém tentar reduzi-los, subordinando-os a um programa, a uma estrutura planejada.

Neste próximo futuro que pretendamos perscrutar, programa e plano têm que ser motores do que se realize; sem eles nada realmente se faz: nenhuma resposta se obtém quando se não sabe fazer as perguntas. Ou quando não se sabe que há perguntas a fazer...

Pela definição que foram tomando, as bienais, venezianas, paulistas ou parisienses, arredaram-se de todo e qualquer compromisso programático, limitando-se ao